

Michael Moore e os potenciais do documentário sociológico

por Newton Cannito

Leituras simplificadas do excelente livro *Cineastas e Imagens do Povo*, de Jean Claude Bernadet, têm pautado, mesmo subliminarmente, o debate sobre documentário brasileiro. O livro faz uma linha evolutiva e linear entre a visão sociológica e a visão antropológica no documentário brasileiro. O modelo sociológico é relacionado à voz do narrador e a imposição de um discurso externo à realidade retratada. O antropológico é mais dialógico e “respeita” o mundo retratado. À primeira vista esse último seria mais moderno e democrático. Essa leitura fez com que muitos autores e documentaristas brasileiros passassem a tratar como retrógrado e conservador qualquer cineasta que explicitasse suas opiniões num documentário sociológico. Ele estaria impondo sua visão, sendo autoritário. O “moderno” é ouvir e ser “tolerante”.

Na contramão dessa tendência, *Tiros em Columbine*, filme de Michael Moore vencedor do Oscar, não teve medo de ser sociológico e não hesitou em “impor” seu discurso ao mundo representado. Esse filme serve como contra-exemplo e abre várias possibilidades muito pouco exploradas pelo documentário brasileiro contemporâneo. Moore partiu do livro de *A cultura do medo*, de Barry Glasner. O cineasta mostra no transcorrer do filme como a violência física na sociedade americana é consequência da combinação entre uma legislação que permite o uso de armas e uma cultura do medo. A narrativa usa estratégias clássicas da construção retórica. Moore apresenta várias hipóteses sobre as causas da violência e derruba uma a uma, construindo sua tese de forma segura e coesa. Na montagem de sua argumentação, o filme circula por todos os cantos do EUA e chega ao Canadá, usado como contraponto do caso americano. O mundo é conectado de acordo com a necessidade argumentativa do orador-cineasta, que não hesita em utilizar todo tipo de procedimento para reforçar sua opinião: voz over, clipes inseridos no meio de filme, animações, etc...

Ética versus etiqueta: Moore brigando com o entrevistado

No debate sobre documentário brasileiro dos últimos anos, o novo paradigma tem sido o método Eduardo Coutinho. O cineasta de *Santo Forte* e *Edifício Master* consegue realizar entrevistas maravilhosas, revelando múltiplos aspectos da sociedade brasileira. Relacionando-se diretamente com o modelo antropológico, Coutinho faz uma arte do encontro entre cineasta e entrevistado, extraíndo dos últimos, performances reveladoras. Para esse documentarista, o método tem funcionado muito bem. João Moreira Salles também realizou obras primas seguindo procedimentos parecidos. Mas o sucesso desses dois cineastas fez com que o método virasse um dogma e passasse a ser considerado, por alguns, uma única alternativa ética para a realização documental.

Moore, ao contrário, não segue nenhum procedimento padrão no seu “embate” com o real. Ao invés de ter um método, um dogma, opta pela diversidade de estratégias, tentando adequar a técnica de entrevista ao entrevistado e ao resultado final esperado. Em alguns momentos, ele faz a arte do “encontro”, deixando o entrevistado falar a vontade, orientado-o na melhor expressão de suas idéias. É o caso da entrevista com o irmão do terrorista de Oklahoma, que incentivado por Moore quase confessa seu crime. O interessante nessa entrevista é que ela parte da mesma técnica de Coutinho, mas tem um efeito muito diverso do que as pessoas costumam esperar dos filmes do cineasta brasileiro.

O “encontro” no filme de Moore não é um ato de humanização e deixar o entrevistado falar, é quase uma forma fazê-lo confessar seus crimes (pessoalmente, acho que nos filmes de Coutinho o resultado é muito parecido). Essa entrevista

evidencia os potenciais do “encontro” também para personagens pouco simpáticos ao cineasta. Já em outros momentos do filme, Moore promove intervenções documentais para provocar situações dramáticas tensas e registrar as reações dos entrevistados. Uma técnica muito recorrente também nos programas de televisão do cineasta americano.

Mas a entrevista mais debatida de *Tiros em Columbine* é a que Moore realizou com o ator Charlton Heston. Nessa entrevista, o diretor opta pelo confronto direto com o entrevistado. Para muitos críticos, trata-se de uma entrevista

televisão brasileira no espaço de recepção e confraternização da elite. O fato é que a etiqueta é simplesmente a ética da elite. Mas não é a única ética possível, serve para quem venceu, mas nem sempre para quem está por baixo.

O dogma da entrevista-encontro como única possibilidade de interação ética com o entrevistado tem limitado muito as possibilidades de expressão do documentário brasileiro. Essa onda de “respeito” funcionou muito bem em alguns filmes de João Moreira e Coutinho, mas resultou também num ciclo de documentários semi-institucionais, um ciclo de homenagens a



Fahrenheit 9/11

antiética, pois Moore não “respeita” o entrevistado. Em vez de um “encontro”, opta por um “embate”. Considerar antiética essa entrevista é uma clara confusão entre ética e etiqueta. Dentro desse argumento, Moore teria sido antiético por ter sido desagradável com Heston. Ser ético, em oposição, é ser educado, agradável, ter bons modos, não incomodar o entrevistado. Ético seriam, portanto, os programas de entrevistadores como Hebe Camargo e Gabi (na fase atual) que têm transformado a

cineastas, músicos e outras figuras “acima de qualquer suspeita”. Filmes sem conflito que transformam o Brasil numa Bélgica.

Em defesa da propaganda ideológica

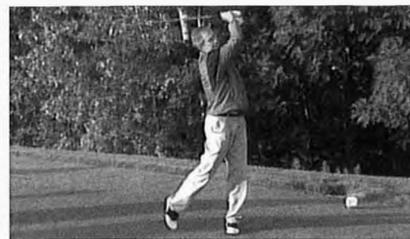
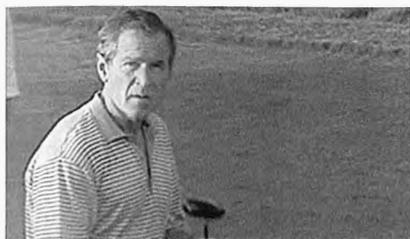
A multiplicidade de recursos narrativos de *Tiros em Columbine* não está a serviço da construção de uma visão dialógica da realidade, outra característica narrativa louvada nos documentários de narrativa moderna. Aliás, muito pelo contrário,

o filme de Michael Moore, não está preocupado em ser moderno e não tem medo de ser monológico. Alguns críticos acreditam que esse tipo de construção narrativa é autoritária e antidemocrática. Ela estaria impondo suas verdades, algo bem fora de moda no “tolerante” mundo pós-moderno dos dias hoje. Não concordo. Não há nada de errado em alguém ter uma certeza, uma verdade que quer expor sem ambigüidade.

A multiplicidade de opiniões e o dialogismo são valores fundamentais da sociedade democrática, mas devem ser construídos dentro do conjunto do sistema de comunicação.

não hesita em fazer propaganda ideológica. Ao contrário, tem orgulho disso. Moore sabe que, desde que você explicita que aquilo é uma propaganda, não há vergonha nenhuma em defender suas certezas, pois quem expõe sua opinião com clareza abre imediatamente a possibilidade do público questioná-lo. E é nesse questionamento que se constrói o campo de debates da sociedade democrática.

O sucesso comercial e a evidente eficácia política do filme *Tiros em Columbine* permite que retomemos a questão do antropológico versus o sociológico. *Tiros...* mostra que o modelo



Fahrenheit 9/11

No conjunto da produção de filmes é que deve ter espaço para as múltiplas verdades do mundo. Mas não é fundamental para a democracia que cada filme, individualmente, seja construído com dialogismo e ambigüidade. Expor uma certeza não é antidemocrático. Antidemocrático seria exigir que ninguém acredite em nada, que todos os filmes sejam cheios de dúvida.

O mais interessante de *Tiros em Columbine* é que o filme

sociológico pode ser um dos formatos potenciais de construção da linguagem documental no mundo contemporâneo. O debate sobre esse filme pode libertar a crítica e os cineastas brasileiros da autoritária prisão estética imposta pela excessiva valorização do modelo antropológico, acabando com o imperativo de ser ambíguo e da neurose de ficar sempre tentando “dar a voz ao outro”. O que Moore nos mostra é que, em muitos casos, é mais sincero e eficaz simplesmente afirmar o que acreditamos.